

GI GAN TES

PEDRO
HENRIQUE
NESCHLING

CINCO AMIGOS.
UMA HISTÓRIA.

BR
BR
BR
BR

Copyright © 2015 by Pedro Henrique Neschling

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

CAPA estúdio insólito

FOTO DE CAPA Jeff Minarik Photography

PREPARAÇÃO Hamilton Fernandes/ Tikinet

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neschling, Pedro Henrique

Gigantes : Cinco amigos. Uma história. / Pedro Henrique Neschling. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

ISBN 978-85-8439-012-0

1. Ficção brasileira I. Título.

15-06801

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

ERAM DUAS DA TARDE DO DIA SEGUINTE À FESTA DE FORMATURA, e Duda estava terminando a sobremesa na sala de jantar da grande casa, onde morava com os pais e o irmão mais novo, quando o telefone tocou. Levantou-se para atender, mas o moleque foi mais ágil e, numa corrida encapetada, chegou primeiro ao aparelho.

“Alô!” Silêncio. “Tá sim. Quem é?” Abaixou o bocal e olhou para Duda. “É pra você.”

“Quem é?”

“O Lipe”, disse o guri danado enquanto fazia trejeitos afrescalhados que fizeram os pais rirem.

“Vou atender lá no quarto!”, Duda disse e subiu as escadas saltitando de dois em dois degraus. Entrou no cômodo que ficava logo à direita, fechou a porta, pegou o aparelho sem fio em sua escrivaninha, apertou a tecla verde e disse para o irmão que estava na extensão, “pode desligar aí, Guto!”. Pequeno silêncio. “Anda moleque!”, ela gritou, “eu sei que você ainda está escutando!” Ainda ouviu a risadinha final do irmão antes do barulho que garantia que agora estava falando só com o amigo.

“Oi, Lipe!”

“Tudo bem?”

“Tudo, acabei de almoçar. E você?”

“Não comi nada, tô de dieta.”

“Nem fala, eu entro amanhã! Tô obesa!”

“Amiga, tenho uma coisa superchata pra te falar, sei lá, nem sei como dizer isso, você sabe que eu odeio fofoca, nunca me meto na vida dos outros, mas...”

“Fala, Lipe!”, Duda o interrompeu. “O que houve? Você tá me deixando nervosa!”

Silêncio.

“Fala!”, suplicou Duda num tom bravo.

“O Fernando.”

“Que tem ele?”

“Lembra daquela hora que ele sumiu ontem na festa?”

“Claro! Fiquei puta, ele disse que tinha bebido demais e passou mal.”

“Pois é. Mas a Pacotinho, sabe a Pacotinho?”

“Sei, a nanica da turma C.”

“Ela mesmo. Mora aqui do lado. Encontrei com ela quando fui levar o Tyson pra passear agora há pouco. Ela pegou o Marcos ontem, acredita? Como pode, um gato daqueles pegar uma quase anã que bate no meu joelho! Mas ela pega todo mundo aquela...”

“E o Fernando? O que ele tem a ver com isso?!”, Duda o interrompeu aflita.

“Então, ela disse que quando tava voltando do carro do Marcos, que eles foram pegar um halls, sei, halls, valeu, bom, ela disse que viu o Fernando saindo de trás da churrasqueira...”

Lipe fez uma pequena pausa no relato. Duda sentiu um arrepio gelado subir desde a base da sua coluna, podia pressentir o que ouviria a seguir.

“Com a Camila”, ele arrematou.

Novo silêncio. Os olhos de Duda se encheram de lágrimas.

“Amiga, você está aí?”

“Aham.”

“Sei lá, não dá pra saber se é verdade, a Pacotinho é foda, fala pra cacete, mas, pô, a menina não tinha por que inventar uma história dessas, né? Ainda mais sabendo que eu sou seu amigo.”

“É”, Duda respondeu num sopro, bem baixinho, com o rosto já banhado de choro.

“Você quer que eu vá praí?”

“Não. Acho melhor não. O Fernando tá vindo pra cá.”

“Pelo amor de Deus, não diz pra ele que fui eu que te contei! Sei lá, diz que outra pessoa viu, que...”

“Pode deixar”, ela o cortou novamente. “Depois a gente se fala, tá?”

* * *

Fernando havia dormido na casa de Zidane. Acordaram depois do meio-dia e, apesar do balde de álcool que cada um tomou na madrugada anterior, estavam sem ressaca alguma, um milagre conhecido como dezoito anos de idade. Comeram pão com manteiga que Lídia, a mãe de Zidane, tinha deixado na cozinha, tomaram os toddynhos da geladeira que ela havia comprado para o filho, vestiram uma bermuda e foram dar um mergulho na piscina do clube. Zidane foi de skate, Fernando a pé mesmo. Fritaram meia hora no sol a pino. De lá se despediram, e Fernando partiu direto para a casa da namorada, tinham combinado de ir ao cinema.

Quando chegou, encontrou Duda sentada na calçada em frente ao portão de entrada da garagem. Vestia um short jeans curto, camisetinha rosa da GAP e calçava seu keds branco. Os volumosos cabelos negros estavam soltos, como sempre. Fernando se aproximou dela, sentou ao seu lado e deu um beijinho na sua boca.

“Tá fazendo o que aqui fora?”

“Você tá vermelho”, ela disse, reparando que o namorado parecia um camarão de tão queimado de sol.

“Eu e o Zidane fomos na piscina.”

“Vai arder à noite.”

“Tá fazendo o que aqui fora?”, ele insistiu.

“Nando, eu tô com você há três anos.”

“E daí?”

“Eu confio em você.”

“Eu também”, ele disse, receoso do rumo que aquela conversa estava tomando. Duda olhou fixamente nos olhos dele e ele, instintivamente, fugiu o olhar para o chão. As lágrimas queriam cair novamente, mas ela as engoliu. Ficaram quietos durante alguns segundos.

“O que aconteceu ontem à noite na festa?”

“Te disse. Eu passei mal.”

“Onde?”

“No banheiro, ora.”

“E o que você tava fazendo na churrasqueira?”

Ele engasgou. Como ela sabia da churrasqueira? Tentou manter a calma, mas era péssimo mentiroso, um monte de tiques o entregava, a boca entortava, a testa franzia.

“Putz, pode crer!”, disse forçando uma risadinha. “Passei mal e fui vomitar lá na churrasqueira!” Será que colou, meu Deus, será que colou?

“Com a Camila?”

O.k., ele tinha um problema. Grande. E agora? Lembrou de um amigo mais velho que contava às gargalhadas sobre a vez que havia sido pego em flagrante pela namorada com outra mulher em pleno boquete. Ele dizia que arregalara os olhos o máximo que pôde e com a cara mais espantada do mundo disse, “Amor? Não é você? Quem é essa? Sai daqui, maluca!”. Era sua vez de fazer o mesmo.

“Que Camila?”

Duda revirou os olhos, respirou bem fundo, tentou manter a calma e voltou a encará-lo fixamente.

“Fernando, você ficou com a Camila ontem?”

Ele queria mentir, queria dizer não, que absurdo, que nunca faria uma coisa dessas com ela, de onde ela tinha tirado tamanha loucura? Mas olhando para o rosto da namorada que havia passado os últimos três anos ao seu lado, de quem tinha tirado a virgindade, ele, um quase virgem também, juntos haviam descoberto o sexo de forma tão cúmplice e carinhosa, aquela menina doce e sapeca com quem sempre viajava para serra nos fins de semana, que tinha cuidado dele e coçado seu braço irritado por causa do gesso colocado para fixar uma fratura no punho que ele arrumara tentando aprender a andar de skate sem nenhuma aptidão para aquilo, que entendia sua fixação por filmes de ação e não reclamava de assistir a nenhum lançamento com o Bruce Willis, mesmo o novo filme da Julia Roberts estreando na mesma semana. Como poderia fazer isso com ela? Ainda que agora, três anos depois, já não sentisse mais aquela comichão na barriga que o acossou na primeira vez em que a beijou enquanto esperavam o ônibus no ponto, ou o frisson gostoso que o tinha dominado na noite anterior enquanto se atracava cheio de tesão

com Camila, ainda assim, definitivamente, não podia fazer isso com ela.

“Foi só um beijo.”

As lágrimas escorreram como uma correnteza pelas bochechas rosadas de Duda. Fernando abaixou a cabeça. Ver aquela cena lhe partia o coração. Gostava mesmo daquela menina.

“Por que você fez isso comigo?”, Duda perguntou aos prantos, antes de tombar a cabeça entre os joelhos arrasada.

“Me desculpa”, ele balbuciou. E ficaram ali sentados em silêncio, lado a lado, por um tempo que durou a eternidade.

JOSÉ ANTÔNIO TINHA MORADO NA FRANÇA, e a galera o chamava de Francês. E de Francês virou Zidane. E Zidane sempre foi *o cara* no colégio. Não era exatamente bonito com aquele narigão, mas também não era feio com seu sorriso contagiante sempre estampado no rosto queimado de sol. Era surfista, skatista, nascido pronto para se tornar um rock star. Questão de tempo, todos tinham certeza. Principalmente ele.

Seu magnetismo era realmente avassalador. Suas piadas nem eram tão engraçadas, mas todo mundo ria. Sua voz nem era tão afinada, mas todos adoravam quando ele cantava. Suas notas no colégio nem eram tão altas, mas serviam para passar de ano, quase sempre sem recuperação. Nas festinhas, invariavelmente terminava agarrado com a menina mais disputada, e pelo menos duas outras chorando num canto por sua causa. Um talento admirado por todos os amigos da galera.

Quando estava no terceiro ano, montou a banda Cã Nabis, da qual era vocalista e compositor das músicas. O

símbolo era um cachorrinho com um baseado na boca, sutil desse jeito. Misturavam reggae com ska com punk com palavras e rimas ricas tipo amor e dor, amar e mar, você e iêiê. Começaram tocando nas festas dos amigos, depois nos barzinhos do bairro, se apresentavam em qualquer lugar que pintasse. Até que gravaram uma demo que virou febre no colégio. Em todas as séries, meninos e meninas sabiam de cor suas letras. Relaxou até de estudar. Não ia precisar de mais nada daquilo mesmo, caramba. Sua vida estava fadada a acontecer entre grandes festivais e entrevistas disputadas a tapa pela imprensa. Isso quando ele decidiu falar, é claro, roqueiro que se preze não dá mole para jornalista.

Formou-se por milagre. Precisava de 5,5 na prova final de matemática e tirou raspantes 5,6, mas o que importava é que a missão estava cumprida. Recebeu seu diploma, ganhou um beijo da mãe orgulhosa e finalmente se viu liberado para viajar até a Guarda do Embaú, onde passaria dias paradisíacos surfando. A vida, definitivamente, era boa. Boa demais.

HAVIA QUATRO MESES QUE DUDA tinha se mudado para Paris. Chorou sem parar por uma semana após o fim do namoro com Fernando, emagreceu cinco quilos sem conseguir comer e seus pais, compadecidos e muito preocupados, resolveram oferecer um ano sabático para ela. Arrumaram um curso livre de moda na capital francesa, alugaram um charmoso apartamentinho de um quarto no 6^{ème}, fizeram um cartão de crédito internacional e *bon voyage*.

Cecília, a mãe, foi junto para ajudar na adaptação. Caminharam juntas pelo Jardim de Luxemburgo, fizeram compras no Franprix, visitaram o Louvre e a Orangerie, onde passaram uma tarde inteira abraçadas vendo as vitórias-régias do Monet. Então Cecília retornou para o Rio de Janeiro e Duda, durante as manhãs, começou a frequentar as aulas perto de casa, numa turma que tinha meninas do mundo todo. Uma japonesa que se vestia como bonequinha de mangá chamada Kiyoko, uma russa que se comportava como princesa e estava sempre de *babyliss* nos cabelos loiros-brancos descoloridos chamada Eliza-

veta, Debra, a americana que abusava do bronzearmento artificial e dos decotes para os fartos seios siliconados, Elvira, uma venezuelana bonita e discreta, que falava o melhor francês entre todas elas. O único homem era Rutger, um holandês deslumbrantemente lindo e elegante, ruivo, com os olhos da cor azul mais profunda que Duda havia visto na vida. Difícil seria encontrar alguém mais afetadamente gay que o rapaz de traços perfeitos e delicados. Perto dele, Lipe parecia ter a virilidade de um George Clooney, era a impressão de Duda, que morria de saudade do amigo.

Trocavam e-mails todos os dias. Ela escrevia sobre os passeios pela cidade, sua obsessão pelos nomes das estações de metrô, Rambuteau, Jussieu, Varenne, os sabores de iogurte que provava, era coisa séria, não havia como comparar com os do Brasil, ele precisava experimentar. Lipe contava das aulas na faculdade de turismo, do professor gato de trinta e poucos anos que tinha certeza que estava dando mole para ele, das dificuldades de lidar com o pai, do deslegante calor senegalês que estava fazendo na cidade. Só havia um assunto proibido. Fernando. Lipe fora terminantemente proibido por Duda de falar qualquer coisa sobre seu ex, e ela fingia que não pensava no rapaz todos os dias, em todos os lugares que ia.

Duda havia escondido de todo mundo o encontro que teve com Fernando na noite anterior à viagem, com direito a muito choro de ambos e um pedido desesperado dele para reatarem. “A gente conversa quando eu voltar”, ela sentenciou magoada. “Eu vou te esperar”, ele disse, “vou ficar aqui te esperando.” Será que esperaria mesmo? Às vezes ela vomitava pensando nisso. Ou na imagem de Fernando se agarrando com Camila.

Era Dia da Bastilha, comemorações tomavam conta de toda a cidade, havia bandas em cada esquina e uma festa estava marcada na escola de moda à noite. Apesar de estar em Paris havia meses, Duda não tinha saído para nenhuma balada. Até tinha tomado um vinho no fim do dia com Elvira e Rutger no Café Vavin algumas vezes, mas festa mesmo, pra valer, era a primeira. Estava animada. Passou horas experimentando e trocando de roupas em frente ao espelho até se decidir por uma saia de tule preto de bailarina que tinha comprado na tradicional Repetto, uma camiseta cinza de malha molinha com estrelas estampadas que usava sem sutiã e um scarpin preto nos pés. Desenhou um olho de gatinha com delineador, passou batom vermelho na boca e, claro, deixou os volumosos cabelos negros cacheados soltos. Estava de parar o *Bateau Mouche*.

A iluminação do terceiro andar do lindo prédio na Rue de Fleurus estava completamente diferente da dos dias de aula. Luzes pisca-pisca presas nas janelas abertas, gelatinas vermelhas nos refletores espalhados pelo ambiente que esquentavam ainda mais aquela abafada noite de verão. As meninas deliravam felizes dançando Prince, Spice Girls, Christina Aguilera, Right Said Fred, “I’m too sexy for your party/ too sexy for your party/ no way I’m disco dancing”. Celina, uma mexicana endiabrada, apareceu com uma garrafa de tequila e fez Duda virar uma dose. Ui. Que calor. Madonna, Backstreet Boys, All Saints, “Take me somewhere I can breathe/ I’ve got so much to see”. E lá estava Celina com mais tequila. Ai. Calor à beça. Sabe que o DJ é bonitinho?, pensou. E estava olhando para ela.

Blink 182, Green Day, Red Hot Chili Peppers, “Close your eyes and I’ll kiss you ‘cause/ With the birds I’ll share”. É tequila isso que eu tô tomando de novo?, se perguntou rindo e virando outro copo dado por Celina. Era o quê? A quarta? Sexta dose? Talvez fosse melhor sentar um pouco. Ah não, melhor dançar mais um pouco. Suava. Abria e fechava os olhos com força. Ih, olha o DJ aqui na pista comigo. Bonitinho mesmo ele. “Push me up against the wall/ Young Kentucky Girl in a push up bra.” Tá bem pertinho de mim. Cheiroso ele, nem parece francês.

* * *

Duda abriu a porta do seu apartamento sorrindo. As únicas palavras que havia trocado com o DJ, além dos beijos, foram “vem comigo” e desconfiava que tinha dito em português mesmo. Entrou na frente e puxou ele pela mão. Tirou o salto alto e com o pé direito chutou a porta fechando-a. Caminhou meio trôpega até a cama e sentou-se olhando para o rapaz tentando focar a visão. Era alto, cabelos castanhos bagunçados, pele bem branca, olhos cor de mel, boca rosa e desenhada. Devia ter uns vinte e alguma coisa, parecia. Ela nunca tinha ido para cama com ninguém além de Fernando, mas não pensava em nada disso agora.

O DJ se aproximou e beijou a boca de Duda. Primeiro com suavidade e depois com bastante força enquanto tirava a blusa dela, seguida da sua própria. Deitou-se por cima dela e beijou seus seios. Duda gemeu baixinho e sentiu tudo girar. Mal percebeu a língua dele passeando por sua barriga, e sua saia descendo junto com a calcinha. Mas sentiu bem quando ele a invadiu com firmeza. E então

gemeu mais alto. Estava bom. Estava quente. Estava tudo girando.

Ficou feliz ao sentir ele gozar dentro dela. Mas, logo depois, quando ele virou para o lado, se sentiu um pouco triste.